Manoel d'Assis Campina

HISTORIA DE PAISINHO E ELENITA

Preço Cr $ 1,00

Manoel d'Assis Campina

Historia de Paisinho e Elenita

Amizade é um segredo
Que pouca gente conhece
Quem se dedica ao amor
O proprio corpo aborrece
Maltrata-se a criatura
Que ao amor se oferece.

Conto um caso que se deu
Nos confins de um Estado
Sobre um rapaz amante
Da filha de um potentado
Chamava-se João Queiroz
Da uzina do Salgado.

O coronel João Queiroz
Era uma cobra assanhada
Confiava no poder
Em cangaceiro e mais nada
Este tinha uma filhinha
Que era um jardim de fada.

Chamava-se Elenita
Esta Deusa encantada
Formosa como a aurora
Ao romper da madrugada
Linda igualmente a Venus
Com a face declinada.

Bôca pequena e bem feita
A cintura era um anel
As faces como uma rosa
Dentes da cor de papel
Todo mundo já chamava
«A santa do coronel»

Com treze anos de idade
Sabia ler e escrever
Bordava perfeitamente
De fazer gosto se ver
Na arte de pianista
Não tinha mais que aprender

Como era filha única
Era muito bem zelada
O velho sempre dizia :
— Ela tem de ser casada
Com grande capitalista
De familia respeitada.

Mas como diz o ditado
O homem faz e Deus desfaz
E como os dedos da mão
Não poderão ser iguais
E ninguem pode saber
A sorte que o tempo traz.

Elenita um certo dia
Indo a missa de S. João
Junto com sua criada
Passando no pavilhão
Encontrou-se com Paisinho
Sentiu logo uma paixão.

Pergunta a sua criada
—Conhece aquele rapaz ?
Respondeu-lhe Carmelita :
—Conheço ele de mais
E' guarda-livro da casa
Da firma Medeiros & Pais.

Até este dia Elenita
Não conhecia de amor
Levava a sua vida
Como vive o beija-flor
Porem ao ver Paisinho
Ficou sofrendo esta dor.

Paisinho da mesma forma
A febre tambem sentia
Disse : inda com sacrificio
Tú serás minha um dia
Em casa da mesma forma
Elenita o mesmo dizia.

No outro dia Paisinho
Foi esperar a menina
No jardim da Independencia
Recostado na esquina
Dizendo de hoje em diante
Vou lutar com minha sina.

Quando Nitá ali passou
Qu'a ele foi avistando
O rapaz tambem seguiu
Com a moça conversando
Porem Nita sem saber
Qu'o rapaz estava lhe amando

Aí Paisinho declarou
Que tinha um pensamento
Pergunta a jovem se
Lhe aceitava em casamento
Disse elá: meu amor
Por te vivo em sofrimento.

Finalmente conversaram
A seu gosto e sem receio
E a criada de perto
Vendo aquele passeio
Aonde há amizade
O fuxico está no meio

Quando a criada chegou
Contou tudo ao patrão
O velho chamou a filha
Na mesma ocasião
Falou com estupidez
Colérico como um leão

Disse o velho: minha filha
Como queres te casar
Com um tipo sem cotação?
Que não pode te tratar
Ou fazes o qu'eu quizer
Ou eu ei de me vingar.

Disse Elenita: papai
Isto assim não lhe convem
Porque o senhor não sabe
A sina que traz alguem
Se não me casar com ele
Não caso mais com ninguem

O velho vendo a proposta
Que Elenita dizia
Concordou com dona Rosa
Fazer o que pretendia
P'ra assassinar o rapaz
Naquele ou no outro dia

Ela escreveu a Paisinho
Contando todo ocorrido
—Papai vai te assassinar
Deves ficar prevenido
Pois ele está preparado
Com um grupo de bandidos

Paisinho escreveu a ele
Dizendo: faça a manobra
Junte todos capangas
Que na luta a peia dobra
Aonde nos encontrarmos
E' cobra engolindo cobra.

Paisinho no mesmo dia
Foi a casa do padrinho
Coronel Pedro Gaspar
Do Engenho Espinheirinho
Preparou quarenta homens
E entregou a Paisinho.

No outro dia as dez horas
Partiu João de Queiroz
Com quatorze cangaceiros
Com um destino feroz
Gritou a Paisinho de longe
O diabo está entre nós.

Nove cabras investiram
Todos contra o Paisinho
—Eu pensei que vinha gente
P'ra brigar com meu povinho
Porem com estes safados
Eu brigo mesmo sosinho

Pegou um rifle cruzêta
Caiu na revolução
Cada um tiro que dava
Rolava um cabra no chão
Dos quatorze que vieram
Ficaram trez pegou de mão

Meteu o punhal num negro
Chamado Chico Miguel
E com outra punhalada
Pegou Zuca e Rafael
Deu um pulo de um lado
E agarrou o coronel.

Paisinho pegou-o na béca
Disse o velho: me acabo
Paisinho disse: é aqui
Que a porca torce o rabo
Ou dá a moça de gosto
Ou vai levar carta ao diabo.

O velho que tinha visto
Já o trabalho sizudo
P'ra ele não dá a moça
Aguentava do canudo
Disse: eu lhe dou a moça
A mulher, uzina e tudo

O velho mandou chamar
O padre da freguezia
Disse: entre nosso povo
Não existe mais arrelia
Celebrou-se o casamento
As dez horas do outro dia

No dia dez de Setembro
Estava Paisinho casado
Entrou logo de gerente
Da uzina de Salgado
Ficaram sendo amigos
Esqueceram do passado

Casou-se Paisinho d'Arruda
Aqui eu termino a festa
Manoel d'Assis Campina
Provou que ainda resta
Imensa recordação
Zita tem uma porção
E se fosse como esta!

FIM

Este é uma lembrança
Da Jovem que mais amei
Com ela não me casei
Porem tinha confiança
O meu espirito não cansa
De gabar aquela liz
Mas como fui infeliz!
De não ter-la por consorte
O outro que teve sorte
Com ela seja feliz